

DANIELA GOUVEIA BARCELOS

QUANDO O DESEJO MATERNO NÃO CIRCULA:

IMPASSES NA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

COGAE/PUC-SP

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO COGEAE

**QUANDO O DESEJO MATERNO NÃO CIRCULA:
IMPASSES NA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ**

Monografia apresentada no curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica como pré-requisito para aprovação e conclusão do mesmo, sob orientação da Professora Doutora Julieta Jerusalinsky da Coordenadoria geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE PUC/SP.

COGEAE/PUC-SP

2016

RESUMO

Meninas, mulheres, mães. O que por muito se acreditou como único destino possível para as mulheres passou a ganhar outra forma com as aberturas sociais conquistadas. Hoje, mais de 100 anos após as primeiras formulações psicanalíticas de Freud, as histéricas por ele atendidas deram lugar às mulheres contemporâneas capazes de escolher diferentes vias de libidinização. Freud fala de três destinos possíveis para a sexualidade feminina: a inibição sexual formadora de neuroses oriunda da incidência de uma castração tida como condição insuportável, a fixação na fase de caráter masculino esperando fantasiosamente possuir um pênis como os homens e a feminilidade como resultado da equação simbólica *pênis-falo-bebê*, sendo a maternidade a saída vista por Freud como a *atitude feminina*. Atualmente já se sabe a maternidade como uma possível escolha das mulheres. O desejo por um bebê aparece como um dos possíveis resultados da elaboração edípica, sendo o desejo materno uma das formas de corresponder aos simbolismos construídos acerca das relações com as figuras parentais. Quando há o desejo materno, oferece-se ao bebê encontrar um campo simbólico construído antes mesmo de sua concepção, já se reserva para ele o lugar falicizado na fantasia materna. Sendo a mulher relançada aos efeitos da castração durante a maternidade, o bebê pode ser tomado pelo seu desejo de forma a saturá-lo. A partir da elaboração do presente estudo, fez-se possível compreender que para que o bebê possa nascer psiquicamente não é suficiente que todas suas necessidades básicas vitais sejam atendidas, é também fundamental que ele receba o investimento fálico marcado pelo lugar que ocupa na economia do desejo materno, desejo esse que não deve ser anônimo como sugere Lacan. Para o autor, o desejo materno indica um investimento desejante na criança e a não saturação deste. Enquanto falo da mãe, ou *a criança divide ou preenche o seu desejo*, e é quando o satura que a metáfora paterna não encontra possibilidade para operar. A não-presença de um terceiro nesta relação dual pode levar à angústia ou ainda à patologização, encontrando a mãe impossibilidades e conflitos frente a outras escolhas de mesma ordem fálica e podendo o bebê apresentar sintomas que revelam uma verdade da relação mãe-bebê. Esta é a questão que surge a partir de um recorte clínico a partir do qual a problematizamos.

Palavras-chave: Desejo materno; maternidade; sexualidade feminina; mãe-bebê.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – O que pode uma mulher?.....	05
I. DE MENINA À MULHER – A constituição da sexualidade em Freud.....	10
I.1. Estruturação edípica no menino.....	13
I.2. Estruturação edípica na menina.....	15
II. A MULHER-MÃE – A constituição do bebê a partir dos cuidados maternos.....	18
II.1.O bebê real a partir de um constructo simbólico.....	21
II.2.A divisão do desejo materno: a mãe considerada suficientemente boa.....	24
II.3. O lugar do desejo feminino 100 anos depois.....	26
III. REFLEXÕES SOBRE A CRIANÇA DEBILIZADA PERANTE O DESEJO MATERNO A PARTIR DE UM RECORTE CLÍNICO.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS.....36

INTRODUÇÃO

O que pode uma mulher?

O que é específico da mulher, tanto em sua posição subjetiva quanto social, é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser objeto de uma produção discursiva muito consistente, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre a sua 'natureza', sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade de alguns homens – sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna – e não a verdade das mulheres”.¹

Por muito tempo se acreditou no lugar imaculado a ser ocupado pelas mulheres, corpos virginais à espera de um casamento, como única possibilidade de alforriar parcialmente suas pulsões sexuais tardiamente reconhecidas pelo discurso social.

Ainda sob o enlace matrimonial, a vida sexual do casal deveria ser comedida e moderada, sendo considerado saudável somente quando visava à reprodução como finalidade. A promulgação deste valor se estendeu por gerações, reservando à mulher a impossibilidade de dar um lugar real ao seu desejo sexual.

Freud, em sua produção acerca da *moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*², reservou espaço para tais pontuações concluindo ser a repressão da sexualidade e da agressividade responsável pela convivência civilizada entre seres humanos, produzindo, em um excesso, margens para o desenvolvimento das doenças nervosas, ou ainda neuroses.

A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. [...]. Não acredito que a 'debilidade mental fisiológica' feminina seja consequência de um antagonismo biológico entre o trabalho intelectual e a atividade sexual, como afirmou Moebius em sua discutida obra. Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual.³

Foi em meados do século XIX, com a instauração da era industrial, que este cenário passou a ganhar nova modulação. A mulher encontra-se diante da possibilidade de desenhar um lugar para si dentro das empresas e indústrias, passando a diversificar seu leque de

¹ KEHL, M.R. (1998). *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago. P. 15.

² FREUD, S. (1908). *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

³ Ibidem, p. 182-183.

possíveis papéis sociais deixando o espaço doméstico como único lócus de seu trabalho diário. A passagem do século XIX para o século XX ficou marcada pelas conquistas incididas pelo movimento feminista da época, alcançando inclusive a representatividade política, a escuta da voz feminina e a luta pelos direitos das mulheres como, por exemplo, a aquisição da cidadania com o voto. Concomitantemente deu-se à sexualidade das mulheres outras formas possíveis, transcendendo o lugar social que lhe era seu por dever.

Se antes a sexualidade feminina era determinada socialmente somente para reprodução, hoje as mulheres podem ver-se proclamando e satisfazendo seus desejos e prazeres. O espaço conquistado pela mulher no ambiente socioeconômico permite ainda que ela possa escolher através de métodos contraceptivos e juntamente do homem, ser ou não ser mãe. Sendo assim, além de conquistar o direito de satisfazer-se sexualmente, as mulheres conquistaram em paralelo o livre arbítrio para viver ou não a maternidade.

O fundador da psicanálise se deteve por muito na temática que deu à luz sua teoria: a sexualidade infantil. Ainda bebê, o sujeito está à mercê de suas pulsionalidade marcada pela relação com o agente materno. Ao ter suas necessidades básicas vitais atendidas, o bebê passará a encontrar satisfação no mamar enquanto fantasia junto ao seu primeiro objeto de amor. Este é o primeiro passo para que se inaugure o circuito pulsional⁴ fadado a uma busca irrefutável de sua primeira relação objetal.

Essa relação primária lança condições para a constituição sexual da criança, a qual se dará em fases que elegem específicas zonas erógenas: *oral*, *anal*, *fálica* e *genital*⁵. Sugerida como uma premissa universal, Freud dirá que o Complexo de Édipo é quem organizará a sexualidade humana ocorrendo de maneiras assimétricas em meninos e meninas. Enquanto no menino o Complexo de Castração incide de maneira a soterrar o Édipo e solucioná-lo, na menina é a porta de entrada para o Édipo que poderá ser soterrado posteriormente pelo temor de perder o amor dos pais.

⁴ FREUD, S. (1915). *As pulsões e suas vicissitudes*. Volume XIV, ESB. RJ: Imago, Ed.1990.

⁵ FREUD, S. (1901-1905). *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Indo ao encontro do eixo central deste trabalho, Freud fala de três caminhos possíveis para a sexualidade feminina organizados a partir do Complexo de Édipo: a inibição sexual formadora de neuroses, a fixação na fase de caráter masculino e o direcionamento da libido para a figura paterna uma vez que se estabelece para a menina a equação *pênis-falo-bebê*⁶. Nessa direção a menina se feminiliza, voltando seu desejo para aquele que supõe como portador do falo – o pai.

Temos aqui o pênis como simbolismo fálico na relação edípica. Se o pênis é um órgão tido como fálico, o bebe virá como forma a elaborar a equação para as meninas. Ao falar da dissolução do Complexo de Édipo⁷, o autor diz que o laço mãe-bebê virá a ser construído para a mulher a partir de tal equação, sendo considerada por ele como *atitude normal feminina*.

Badinter⁸ faz uma crítica aos pensamentos falocêntricos de Freud e dos autores que se aproximaram de sua teoria em relação ao feminino, ao dizer que “ambos pensavam descrever a natureza feminina e, na realidade, não faziam mais do que reproduzir a mulher que tinham diante dos olhos”.⁹ Kehl¹⁰ vem nos dizer que para as meninas ocidentais do século XVIII até o início do século XX só havia uma única maneira de identificação permitida: a identificação à mãe. Sendo esta limitada às funções maternas, e não às peculiaridades no sentido literal da palavra, afinal, a menina precisava aprender a ser mãe para posteriormente poder casar-se e exercer a função socialmente vinculada ao seu gênero.

(...) maternidade e casamento significariam uma espécie de ponto de chegada para a mulher, a partir do qual nada mais é esperado dela, nem no plano erótico nem no sublime; no erótico, é como se a feminilidade não tivesse qualquer outra função depois de ter cumprido seu único objetivo, a conquista de um homem que lhe desse filhos”.¹¹

É através de uma nova ordem dentro da teoria psicanalítica que a maternidade aparece não mais como uma das únicas vias possíveis de realização fálica junto a um bom

⁶ Idem.

⁷ FREUD, S. (1923-1925). A dissolução do complexo de Édipo. In: *O ego e o id e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁸ BADINTER, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

⁹ Ibidem, p. 334.

¹⁰ KEHL, M.R. (1998). *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago. P. 262.

¹¹ Ibidem, p. 261.

casamento às mulheres, mas como uma das particularidades do ser mulher. Desta maneira, como sustenta Anzieu¹², a feminilidade não é caracterizada única e exclusivamente pela maternidade, mas sim por um conjunto de relações ligadas ao feminino, sendo a função materna uma das ações reativas da feminilidade. Disto pode-se entender que ainda que a mulher não opte pela maternidade, a sua feminilidade poderá continuar preservada, afinal, não ser mãe não implica em não ser feminina, a feminilidade encontra-se pautada em sua posição desejante com relação ao falo. Nas palavras de Julieta Jerusalinsky, “ser mulher não equivale a ser mãe, sendo a maternidade uma experiência que, ao abrir uma nova condição, mais do que responder ao que é ser mulher, relança e atualiza para ela os efeitos da castração.”¹³

Hoje, quando escolhe ser mãe, a mulher está diante um intenso labor. Gerar e conceber um filho não estão necessariamente associados à materná-lo e ainda menos desejar-lo. Como escreve Alfredo Jerusalinsky: “a mãe que cuida não é a mesma que deseja.”¹⁴ O sujeito que exerce a função materna, portanto, é aquele supõe no bebê o saber sobre seu desejo, tomando-o em um lugar fálico como na equação simbólica *pênis-falo-bebê*.

Para Lacan¹⁵, o desejo materno indica um investimento desejante na criança e a não saturação desse desejo. Relançada aos efeitos da castração, o bebê pode ser tomado pelo desejo materno de forma a saturá-lo. Segundo Alfredo Jerusalinsky, “trata-se precisamente de que o desejar ao filho gira em torno da forma como, na mãe, se estabelece a falta.”¹⁶ Entretanto, é preciso que o bebê falhe nessa missão de preencher o desejo da mãe para que seja bem-sucedida¹⁷. *A criança preenche ou a criança divide*, é o que discursa a teoria lacaniana a respeito do desejo materno. Se divide o desejo do sujeito materno, mãe e bebê encontram abertura para desejarem alguém desta relação, se o satura instaura-se uma relação de angústia, podendo culminar em uma situação patologizante para a criança.

¹² ANZIEU, A. (1992). *A mulher sem qualidade: estudo psicanalítico da feminilidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

¹³ JERUSALINSKY, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. P. 136.

¹⁴ JERUSALINSKY, A. N. (1984) *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas. P. 12.

¹⁵ LACAN, J. (1969-1970). *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Versão brasileira de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

¹⁶ JERUSALINSKY, A. N. (1984) *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas. P. 12.

¹⁷ MILLER, J. A. (1969). A criança entre a mulher e a mãe. (*S. Sobreira, trad.*). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986.

Para que o Nome-do-Pai sugerido pela teoria lacaniana entre na relação mãe-bebê e desconstrua sua dualidade, é preciso que a mãe o inclua e o apresente à criança, podendo ser este o marido, um outro filho ou ainda o trabalho. Todavia, o investimento libidinal em duas distintas vias de ordem fálica pode exigir um intenso trabalho psíquico gerador de conflitos.

O desejo materno é quem dará lugar ao bebê, construindo um espaço simbólico para ele e inserindo-o na linguagem. É ele que oferecerá condições para que nasça um sujeito desejante, ou não.

Sob esta ótica, se faz imprescindível pensar nos possíveis impasses do desejo materno no exercício de sua função. Dividir o sujeito materno em mãe e mulher pode exigir um tortuoso trabalho para mãe e filho. Para tanto, no presente trabalho, considera-se importante discorrer sobre as transformações do desejo feminino desde que Freud inaugurou olhar sobre ele, tentando acompanhar suas novas formas e caminhos fálicos.

Visando facilitar a construção de um espaço de liberdade para o sujeito feminino, considerando suas nuances e particularidades, Kehl¹⁸, estende ao analista a tarefa de acompanhar esses deslocamentos, desenvolvendo a plasticidade necessária para compreensão das mudanças sociais que circundam a figura feminina. É pensando na constante atualização que sustenta a nossa clínica, juntamente com os inesgotáveis estudos e discussões psicanalíticas que alimentam o nosso saber e permeiam a nossa escuta, que se considera a relevância da realização desta pesquisa podendo a vir contribuir também com informações que sirvam como reflexões, especialmente para as mulheres.

Tendo a ideia primordial deste trabalho surgido a partir de um caso clínico, serão aqui apresentadas as questões advindas de minha práxis clínica, com as quais pretende-se identificar os possíveis lugares ocupados pelo bebê na sexualidade feminina da mulher-mãe que exerce a função materna em tempos atuais, bem como compreender as possíveis vias de libidinização e angústias decorrentes do ofício materno.

¹⁸ KEHL, M.R. (1998). *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.

I. DE MENINA À MULHER – A CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE EM FREUD

Contrariando um tradicional saber popular da época, Freud¹⁹ apresentou em suas teorias a existência de pulsão sexual já na infância, indo assim em um caminho contrário às ideias que asseguravam o surgimento da sexualidade durante a puberdade. O autor dedicou sua atenção ao tema e sugeriu que a busca pelas relações objetais durante a puberdade nada mais estavam do que permeadas por aquelas estabelecidas durante a infância. Ainda que para ele haja a *amnésia infantil*, afirma que os acontecimentos que fizeram parte da história libidinal na infância de cada um são determinantes para a constituição psíquica e organização de todo o campo da sexualidade humana.

Por que terá nossa memória ficado tão para trás em relação a nossas outras atividades anímicas? Ora, temos razões para crer que em nenhuma outra época da vida a capacidade de recepção e reprodução é maior do que justamente nos anos da infância. Por outro lado, devemos supor, ou podemos convencer-nos disso mediante a investigação psicológica de outrem, que as mesmas impressões por nós esquecidas deixaram, ainda assim, os mais profundos rastros em nossa vida anímica e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior.²⁰

A sexualidade em Freud enuncia toda a constituição da vida erógena do sujeito desde os primórdios, é a mola central e todos os mecanismos inconscientes e não está relacionada aos órgãos genitais, mas sim à obtenção de prazer, ao ato de satisfazer-se.

Ao considerar a existência da pulsão sexual já na infância, Freud não se ocupa em associá-la necessariamente à finalidade de reprodução neste momento inicial da vida psíquica, mas demarca um caminho possível para ela na constituição do sujeito desde o momento de seu nascimento. Reconhece que inicialmente a atividade sexual infantil se dá pelo viés da autopreservação, descolando-se posteriormente ao estar diante de outros

¹⁹ FREUD, S. (1901-1905). *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

²⁰ FREUD, S. (1901-1905). *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 164-165.

percursos possíveis. A sexualidade infantil “[...] nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo auto-erótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena”²¹. É, portanto, perverso-polimorfa enquanto busca obter prazer das diversas formas possíveis, seu objeto admite inúmeras variações e conta com muitas zonas erógenas do corpo.

No texto *As pulsões e suas vicissitudes*²², o autor fala de um *circuito pulsional* composto por três tempos: no primeiro tempo o bebê posiciona-se como ativo quando vai em busca do objeto que está externo ao Eu e apodera-se dele, em outras palavras procura no outro o objeto oral, como o seio materno ou ainda a mamadeira e o toma como sendo seu; no segundo tempo é um tempo reflexivo, o bebê passa a procurar no próprio corpo e tomar parte dele no lugar de objeto, passando ao ato auto-erótico de manipular partes de seu corpo com a própria boca como suas mãos e pés; no terceiro tempo o sujeito retorna ao outro e lhe oferece o seu próprio corpo como objeto, apresentando ao outro, por exemplo, sua mão ou pé colocando-os na boca do outro como que antevendo a satisfação no riso deste que está recebendo o que lhe está sendo ofertado. É neste momento de alteridade que são encontradas condições de fazer-se surgir um novo sujeito.

São quatro as características da pulsão formuladas por Freud²³. 1) A pulsão possui uma fonte somática, se origina no próprio corpo, ou ainda na zona erógena. 2) Busca satisfação através do impulso oriundo do acúmulo de tensão que parte da excitação somática. 3) Elege um objeto que é variável e não determinado pelo qual a pulsão pode alcançar sua meta de satisfazer-se. 4) Sua finalidade é a descarga da tensão através da busca por algum objeto capaz de reduzi-la ao mínimo possível.

Nos primórdios das pulsões temos nós, seres humanos, necessidades orgânicas que precisam ser interpretadas e satisfeitas por um outro por sermos deficientes instintivos. Como no caso do seio e do leite, o bebê chora porque uma angústia lhe invade e não há recursos que lhe permitam saber o porquê, ele necessita de algo a ser decifrado e atendido pelo outro. Quando tem sua necessidade suprida ao receber o seio com leite, a experiência fundamental

²¹ Ibidem, p. 172.

²² FREUD, S. (1915). *As pulsões e suas vicissitudes*, v. XIV, ESB. RJ: Imago, Ed.1990.

²³ FREUD, S. (1901-1905). *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

para a vivência de prazer inscreve no bebê o objeto da satisfação, conforme sugere a *teoria do apoio* apresentada por Freud²⁴ onde a satisfação da necessidade difere-se da satisfação para alcance do prazer. Logo, aquilo que lhe é apresentado como objeto da satisfação foi em um primeiro momento necessidade orgânica, mas após nova inscrição passará a ser buscado incansavelmente e sem sucesso, inaugurando o retorno eterno ao primeiro objeto de amor. Nos termos de Garcia-Roza, “a tese de Freud é de que as pulsões surgem quando o prazer torna-se autônomo em relação à satisfação da necessidade, mas que este surgimento não se faz sem um apoio na função biológica [...]”.²⁵

A relação com o outro virá oferecer possibilidade de sujeito, permitindo a demarcação do limiar eu-outro essencial para que se faça marcar a pulsão através da experiência.

É ainda a partir deste contato com o outro que o corpo da criança tido como erógeno por Freud²⁶ será marcado por determinados pontos de obtenção de prazer, ou zonas erógenas. Como escreve Michele Faria que parte de uma leitura freudiana, “é, portanto, por meio desse contato inicial com a mãe, marcado pela experiência de satisfação das necessidades, que o corpo da criança se torna fonte de prazer, e é esse prazer que define o campo da sexualidade para Freud.”²⁷

A erogenização do corpo não ocorre de forma aleatória, sendo a boca, o ânus e os genitais regiões que destacam-se pela importância que adquirem ao longo do desenvolvimento sexual da criança. Há um desenvolvimento progressivo das excitações sexuais localizadas nas diferentes partes do corpo também ligado às modificações das formas de gratificação e de relação com o objeto que levou Freud a chegar às fases do desenvolvimento sexual caracterizadas pela localização do campo pulsional: oral, anal, fálica e genital, sendo que anterior à última há o período de latência marcado pela diminuição das

²⁴ Idem.

²⁵ GARCIA-ROZA, L. A. (1914-1917). *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão e recalque, inconsciente*. Introdução à metapsicologia freudiana. 5. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, v.3. P. 106.

²⁶ FREUD, S. (1901-1905). *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

²⁷ FARIA, M. R. (2003). *Constituição do sujeito e estrutura familiar*. São Paulo: Cabral. P. 28.

práticas sexuais que se estende até a puberdade em uma sexualidade infantil considerada bifásica.

Durante a fase oral do bebê sua principal fonte de excitação e satisfação é a boca, ou seja, as mucosas bucais caracterizam a zona erógena desta fase devido à importância da amamentação no contato inicial com a mãe acompanhada do fantasiar da criança. É neste momento que o bebê internalizará seu primeiro objeto de amor, o qual, conforme descrito mais acima, permanecerá no plano do inalcançável por toda a vida. A fase anal é o período em que o ânus é a maior fonte de prazeres sexuais. Igualmente à fase oral, não é a defecação em si que traz o prazer da pulsão sexual à criança, mas sim o ato de controlar o esfíncter anal, contrair e expulsar as fezes, que se torna o objeto sexual. Os genitais passam a receber investimentos pulsionais com as primeiras manifestações da masturbação infantil e ganham papel central durante a fase fálica. É também neste momento que o sujeito deverá atravessar o Complexo de Édipo, trabalho que acontece de distintas formas em meninos e meninas estruturante no psiquismo e que promove a formação do superego e do direcionamento da sexualidade. Desta forma, pode-se pensar que “o complexo de Édipo é, assim, o universal que organiza a sexualidade humana, uma sexualidade que Freud demonstrou ser, antes de mais nada, uma construção.”²⁸

Tudo o que antecede o período edípico possui um caráter perverso-polimorfo, isso muda durante o complexo de Édipo no qual a primazia do falo produz uma subordinação nas demais pulsões. Desta maneira a sexualidade não se reduz ao que se entende como macho e fêmea, sendo no Édipo que a criança experimentará a diferenciação sexual e irá assumir uma feminilidade ou masculinidade como modos de obter seu prazer por meio da sexuação. Até este momento da elaboração edípica as crianças acreditam todos serem organicamente simétricos, desta forma todos possuem pênis. Ao terem essa crença se salvagam de terem que elaborar uma diferença e portanto uma falta: a falta na mãe, até se depararem com as diferenças anatômicas existentes e registrarem as consequências psíquicas desse *fato consumado*²⁹.

I. 1. Estruturação edípica no Menino

²⁸ Ibidem, p. 30.

²⁹ FREUD, S. (1923-1925). *O ego e o id e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Nos meninos, a situação do complexo de Édipo é o primeiro estágio possível de ser identificado com certeza. É fácil de compreender, de vez que nesse estágio a criança retém o mesmo objeto que previamente catexizou com sua libido – não ainda um objeto genital – durante o período precedente, enquanto estava sendo amamentada e cuidada. Também o fato de que, nessa situação, encare o pai como um rival perturbador e goste de se ver livre dele e tomar-lhe o lugar [...].³⁰

Após ter a primeira experiência de satisfação a partir da interpretação do agente da função materna pela qual adquire-se condição de fantasiar, o bebê internaliza a mãe como seu objeto de satisfação e direciona a ele seu investimento libidinal. É nesta relação pré-edípica que machos e fêmeas elegem simetricamente seu primeiro objeto de amor, mas há um momento em que essa situação ganhará outro contorno.

Durante a operação estruturante edípica os objetos sexuais se diferem entre meninos e meninas. Para o menino o objeto tido como fálico durante a fase pré-edípica permanece o mesmo até a resolução deste complexo, ou seja, o objeto-mãe-fálico receberá seus investimentos pulsionais com a intenção de vivenciar suas fantasias enquanto se identifica e rivaliza com o pai para alcançar sua satisfação. Porém, ao perceber a ausência do pênis em sua mãe e temer ser castrado em sua rivalidade com o pai, o menino sai da triangulação edípica e dá ao Édipo um desfecho resultante de sua angústia narcísica, visto que o objeto de maior importância para o menino nesta fase é seu órgão genital investido falicamente. Isto é, a ameaça de castração é decisiva para que haja a dissolução edípica, é a angústia de castração que coloca fim ao Édipo nos meninos. Nas palavras de Freud, “[...] a atitude edípica nos meninos pertence à fase fálica e como sua destruição é ocasionada pelo temor da castração – isto é, pelo interesse narcísico nos órgãos genitais.”³¹

O Complexo de Édipo é o momento onde a criança experimenta a ambivalência de sentimentos hostis e de amor em relação às figuras parentais, escolhe libidinalmente o objeto e elege com quem quer se parecer, ou seja, com quem irá identificar-se. Através da solução encontrada pelo menino dá-se a ele a condição de identificar-se com a figura paterna, pois tendo preservado o pênis da castração ele agora pode supor ser portador do falo como o pai. O Édipo tendo sido “literalmente feito em pedaços”³² abre para o menino a possibilidade de transitar do pulsional para o cultural, fazendo surgir o superego como herdeiro do amor pelos

³⁰ Ibidem. P. 282.

³¹ Idem.

³² FREUD, S. (1923-1925). *O ego e o id e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 289.

pais. Segundo Freud, na estruturação edípica do menino “suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características.”³³

Como em uma via de mão dupla, se por um lado o menino preservou o órgão genital como tendo valor fálico e afastou dele o perigo de sua perda simbolicamente representada pela castração, por outro removeu sua função, paralisando-o.³⁴ Retomando a ideia da sexualidade infantil como bifásica, é aqui que se inicia para ele a fase de latência onde a criança passa da investigação à pulsão sistêmica e o desejo do saber e que interrompe o desenvolvimento sexual. Os títulos de virilidade masculinos são então guardados para poderem ser utilizados mais a frente, como na adolescência, quando ocorre um relançamento no complexo edípico em função da maturação sexual. Neste tempo há condições para sexualidade possa se concretizar, ou ainda tomar uma forma e ser colocada em prática.

I. 2. Estruturação edípica na menina

Como dito anteriormente, no período da constituição sexual infantil tido como pré-edípico, meninos e meninas direcionam seus investimentos à mesma escolha objetal – a mãe – e mantêm posições ativas e passivas em relação a ela. Se no menino esse objeto primeiro mantém-se o mesmo até o período edípico onde depara-se com sua falta e enfim o abandona, bem como o pênis como principal zona erógena no período fálico, para a menina o trabalho edípico envolve outros movimentos que tornam sua experiência mais árdua e minuciosa.

Em textos onde debruçou-se sob a complexidade do desenvolvimento sexual feminino, como em *Sexualidade Feminina*³⁵ e *Feminilidade*³⁶, Freud divide o Édipo feminino em dois momentos: Édipo negativo e Édipo positivo. Respectivamente, a primeira etapa edípica consiste no período pré-edipiano onde se tem a mãe como objeto de amor e o clitóris como zona erógena, sendo este análogo ao órgão masculino, ou ainda como diz o autor “um

³³ Idem.

³⁴ Ibidem, p. 198.

³⁵ FREUD, S. (1927-1931). *Sexualidade Feminina*. In: *O futuro de uma ilusão, o Mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

³⁶ FREUD, S. (1932-1936). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

autêntico substituto do pênis.”³⁷ Já em uma segunda etapa a menina precisa se diferenciar deste que se assemelha ao Édipo masculino para vivenciar uma relação objetal com seu pai e tornar seu genital sua principal zona de excitabilidade. A vida sexual feminina está então dividida em duas fases, a primeira possui caráter masculino e a segunda especificamente feminina.

Deste modo, enquanto o homem terá sempre um único órgão sexual que será manipulado e lhe despertará prazeres e satisfação libidinal e um único objeto de amor, a mulher encontrará prazer sexual inicialmente na região clitoridiana para depois descobrir seu órgão genital propriamente característico do gênero: a vagina. A transferência da função erógena principal não é a única transição pela qual passa a menina no decorrer do desenvolvimento de sua vida sexual, outra importante mudança é a alternância de seus investimentos libidinais da mãe para o pai.

Outro ponto que prolonga o paralelismo entre as situações edípicas masculinas e femininas são os efeitos da castração. André em seu texto *O que quer uma mulher?*³⁸, caminha dentre os pilares freudianos e diz que o Complexo de Castração é inscrito no psiquismo como consequência da diferença anatomicamente existente entre os sexos, atuando de maneiras distintas entre eles. No menino aparece como tentativa de fazer soterrar-se o Édipo, conservando o apego inicial manifestado pelo objeto de identificação primitiva e facilitando sua identificação sexual. Já na menina é tido como o oposto, o Complexo de Castração e a *inveja do pênis* – que aparece como efeito de sua incidência nas mulheres – são a porta de entrada para o Édipo.

Ao constatar que em seu próprio corpo lhe falta algo, a menina cai como vítima da castração e conseqüentemente do sentimento de inferioridade como efeito do intenso golpe narcísico. Inicialmente se vê como única vítima do infortúnio anatômico e culpabiliza a mãe por tê-la feito sem o pênis. Aos poucos a crença até então sustentada de que a mãe possui o objeto desejado e não o deu a ela, será desconstruída enquanto passa a desqualificar seu objeto primitivo por percebê-lo também como faltante. “Seu afastamento da mãe, sem dúvida, não se dá de uma só vez, pois, no início, a menina considera sua castração como um

³⁷ FREUD, S. (1901-1905). *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 184.

³⁸ ANDRÉ, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Zahar.

infortúnio individual, e somente aos poucos estende-a a outras mulheres e, por fim, também à sua mãe.”³⁹ Quando depara consigo mesma e suas semelhantes como representantes físicas da falta, a menina tem diante de si a possibilidade de abandonar a mãe e passar ao pai como objeto de amor, direcionando agora à mãe seus sentimentos hostis enquanto rivaliza com ela na disputa por aquele que detém o falo. Como escreve Freud, “seu amor estava dirigido à sua mãe fálica; com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade, que há muito se vinham acumulando, assumem o domínio da situação.”⁴⁰

Lançado seus investimentos libidinais para o pai, sua energia psíquica estará voltada para ele na tentativa de receber dele o objeto fálico que a mãe não lhe ofertou. Se o menino identifica-se com o pai ao perceberem-se semelhantes perante seu interesse narcísico, a menina também encontrará com quem se identificar. Esperando que venha do pai aquilo que lhe falta, ela desejará assumir o lugar de seu primeiro objeto de amor catexizado identificando-se com ele e passando a ter atitudes femininas para com o possível doador do falo. Freud diz que o Édipo na menina “raramente [...] vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai.”⁴¹

A menina não abrirá mão do pênis sem alguma tentativa de obtê-lo de outras formas. Percebe a possibilidade de obtê-lo no ato de gerar um bebê, e, portanto, “desliza ao longo da linha de uma equação simbólica [...] do pênis para o bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho.”⁴² Estando diante da impossibilidade da realização de seu desejo frente à barreira do incesto instaurada culturalmente, acredita-se que a menina gradativamente abandonará a relação edípica. Todavia, tanto o desejo de ter um filho quanto o de possuir o pênis ficam fortemente presentes no inconsciente da menina e permanecem latentes durante todo o seu desenvolver por vir. Em outras palavras, Freud diz que “os dois desejos – possuir um pênis e um filho –

³⁹ FREUD, S. (1932-1936). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 126.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ FREUD, S. (1923-1925). *O ego e o id e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 200.

⁴² Idem.

permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior”⁴³.

Uma vez que na menina está ausente o temor à castração por enxerga-la como uma verdade incontestável, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência, há de se instaurar o temor em outra perspectiva. É o medo de perder o amor dos pais como punição pelos seus comportamentos que parece organizar o estabelecimento de um superego e a organização genital feminina.⁴⁴

No texto *Sexualidade Feminina*⁴⁵, Freud fala de três destinos possíveis para a sexualidade feminina: a inibição sexual formadora de neuroses oriunda da incidência de uma castração tida como condição insuportável, a fixação na fase de caráter masculino esperando fantasiosamente possuir um pênis como os homens e a maternidade vista por Freud como a *atitude feminina*.

II. A MULHER-MÃE – A CONSTITUIÇÃO DO BEBÊ A PARTIR DOS CUIDADOS MATERNOS

Antes que se chegue ao enredo edípico que fundamenta a teoria freudiana explicitada no capítulo anterior, alguns passos que antecedem a constituição da sexualidade infantil revelam sua importância na história psíquica do sujeito.

Em uma perspectiva estritamente biologizante, a reprodução da espécie humana limita-se à doação do sêmen do homem e do óvulo da mulher para que haja a fecundação. Quando o óvulo é fecundado dá-se o princípio da concepção da qual a mulher tem estreita responsabilidade orgânica: carregar em seu ventre o fruto de uma dupla participação. É o seu corpo que abriga o bebê até que esteja pronto para dele sair, é ele que oferece condições para gestá-lo e posteriormente alimentá-lo com o leite que produz. O papel da mulher nesse início

⁴³ Idem.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ FREUD, S. (1927-1931). *Sexualidade Feminina*. In: *O futuro de uma ilusão, o Mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

da reprodução apesar dos avanços sociais femininos, como nos lembra Iaconelli (2012, p.55), “ainda é insubstituível”.

Entretanto, entende-se que assim como a maternidade não é uma condição inata à mulher, o exercício da maternagem e da função materna também não pertencem com exclusividade à mulher que gera o bebê, podendo ser exercidas por *qualquer outro* que compareça com disponibilidade psíquica para o ofício da ordem do desejo. Como escreve Vera Iaconelli, que parte de uma leitura lacaniana, “nem um papel de exclusividade referido às mulheres, nem uma função de anonimato; o bebê não prescinde da função de nomeação exercida por um adulto específico, seja mãe ou não.”⁴⁶

Enquanto fala-se de maternagem como um conjunto de atitudes que visam o cuidado e à promulgação da vida do bebê que se encontra em estado de completa dependência, a função materna constitui-se a partir do desejo de quem a exerce.

Nas palavras de Borges:

Por maternagem ser diferente de função materna, não estamos lidando com algo que possa ser prescritivo. [...] A função materna foge completamente das vias conscientes de exercício; a maternagem, por outro lado, passa justamente por essa via. Assim, maternagem refere-se a cuidados conscientes e função materna está para muito além disso.⁴⁷

Lacan em seu texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo*⁴⁸, fala da importância do campo da linguagem presente na relação primordial mãe-bebê marcada pelas primeiras experiências de satisfação das necessidades. A mãe fala, sente e interpreta pelo bebê, inscrevendo-a na linguagem.⁴⁹ Exercendo desta maneira função de nomeação ao dar significado ao que o bebê ainda não tem condições de dizer, ocupa primordialmente o lugar do grande Outro.

⁴⁶ IACONELLI, V. (2012). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. P. 84).

⁴⁷ BORGES, T. P. (2009). Função materna, educação e ato educativo. *Revista Inter Ação*, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 453-464, dez. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/8505/5966>>. Acesso em: 02 Nov. 2015. doi:10.5216/ia.v34i2.8505.

⁴⁸ LACAN, J. (1960). *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, in: *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar , 2003.

⁴⁹ AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Trad. Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

Para que possa eleger o Outro materno como receptor das primeiras catexias objetais a partir de suas fantasias primordiais, o bebê precisa antes encontrar lugar no desejo dos pais. É preciso ser o objeto de desejo de quem o materna para poder ter estabelecidas as condições necessárias que sustentarão sua constituição como sujeito. O bebê então encarna o desejo do Outro que supõe nele o saber sobre seu próprio desejo, desta forma toda organização constitutiva da criança será dada pelo desejo do Outro⁵⁰.

Logo, “a relação que a mãe desenvolve com seu bebê oferece existência simbólica, condição para a introdução à linguagem e constituição psíquica.”⁵¹

Para sobreviver, o mais prematuro de todas as espécies necessita de um agente capaz de dar sentido à sua deficiência instintiva, nomeando e oferecendo o que se faz necessário para a sustentação da vida. Retornando à *teoria do apoio* sugerida por Freud⁵², ao ter suas necessidades supridas a partir do que aqui se entende como maternagem, abre-se para o bebê a possibilidade de se inscrever o seu objeto de satisfação: a mãe, ou ainda, para Lacan, o grande Outro. Sendo assim, inicialmente cabem aos primeiros cuidados maternos para com o bebê atenderem suas necessidades básicas vitais, fazendo deste o primeiro objeto de amor da criança e pilar central da problemática edípica. Está dado o trabalho a cerca da figura materna que inaugura o circuito pulsional e passa a receber os primeiros investimentos libidinais da criança em um cenário que sofrerá mutações no período edípico. Como discorre Faria, “a função da mãe no complexo de Édipo é indissociável dos cuidados básicos dedicados à criança nos primeiros anos de vida.”⁵³

⁵⁰ JERUSALINSKY, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁵¹ BORGES, T. P. (2009). Função materna, educação e ato educativo. *Revista Inter Ação*, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 453-464, dez. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/8505/5966>>. Acesso em: 02 Nov. 2015. doi:10.5216/ia.v34i2.8505.

⁵² JERUSALINSKY, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁵³ FARIA, M. R. (2003). *Constituição do sujeito e estrutura familiar*. São Paulo: Cabral. P. 141.

Das teorias falocêntricas freudianas entende-se que um dos caminhos para a mulher alcançar a sua condição de ser feminina é organizar-se em sua falta frente sua passagem pelo Édipo e escolher a feminilidade em detrimento da masculinidade. Alcançando sua organização genital feminina, a mulher transcenderá no que diz respeito à equação fálica passando a desejar um bebê equivalente ao falo perdido. Em outros dizeres “para Freud, a maternidade implicaria uma possibilidade de realização fálica para as mulheres e, por meio da articulação da equação pênis-falo-bebê diante da castração, uma passagem para a condição feminina.”⁵⁴ Disto entende-se que a mulher que elabora a equivalência simbólica possui dadas as condições da ordem do desejo para o ofício universal da maternagem que por vezes encontra-se compilada à função materna, podendo fazer operar a montagem necessária para que se constitua um sujeito capaz de desejar.

Nesse sentido, o que antecede a existência real de um bebê inaugura a sua história ainda que no campo simbólico de quem o deseja. Ele primeiro precisa ser fecundado, gerado, trazido ao mundo, tornando-se sujeito diante da possibilidade de encontrar lugar no desejo do Outro.

II. 1. O bebê real a partir de um constructo simbólico

Mantendo o desejo de possuir um bebê como análogo ao pênis fálico catexizado no inconsciente, o bebê desta mulher passará pelo discurso simbólico da mãe antes mesmo de sua concepção. Antes que possa enfim segurá-lo, materná-lo e exercer o ofício materno, o seu desejo preparará para o bebê um lugar que inevitavelmente passará pelos aspectos fantasmáticos da mãe.

[...] na maioria dos casos, o início da gravidez coincide com, ou acentua, a instauração de uma relação imaginária na qual o sujeito criança não é representado pelo que é na realidade, um embrião em vias de desenvolvimento, mas por aquilo que chamei alhures corpo imaginado, ou seja, um corpo já completo e unificado, dotado de todos os atributos necessários para isso. [...] é sobre essa imagem, suporte imaginário do embrião, que se despeja a libido materna. A fecundidade desta imagem é tal que, nos primeiros tempos da vida, vemo-la superpor-se à criança: não há necessidade de lembrarmos o tipo de cegueira com a qual toda mulher se inclina sobre seu recém-nascido [...].⁵⁵

⁵⁴ FARIA, M. R. (2003). *Constituição do sujeito e estrutura familiar*. São Paulo: Cabral. P. 136.

⁵⁵ AULAGNIER, P. (1990). *Um intérprete em busca de um sentido*. São Paulo: Escuta, v.1. P. 13-14.

Fernández⁵⁶, ao discorrer sobre a concepção real e simbólica de um filho, diz que a gestação em um contexto biológico conta com a participação tanto do pai como da mãe, sendo exclusivamente a figura feminina a protagonista desta gestação mútua. O homem precisa adquirir o conhecimento e a confirmação de que o filho é seu para reconhecer sua paternidade, adquire isso tanto culturalmente como através de sua mulher. Já a mulher sabe primordialmente que aquele filho é seu, pois independente do ato sexual que se sucumbiu anteriormente à gestação, vivencia e experimenta as mudanças que passam a acontecer em seu corpo. Todavia, ambos necessitam criar um movimento de reconhecimento e adoção emocional do bebê, dando-lhe assim o lugar de *seu filho*.

Conforme nos lembra Aulagnier⁵⁷, o bebê sonhado e desejado em uma relação imaginária iniciada ainda antes de sua concepção não será exatamente o mesmo que nascerá. Pai e mãe somente o conhecerão quando este for dado à luz, possibilitando de fato o encontro físico e emocional entre eles. “Nem sempre esse encontro produz frutos de amor imediato; há a necessidade de se conhecerem e, para tanto, de um tempo para falarem a mesma linguagem.”⁵⁸

Ainda que haja neste caso um intenso trabalho de desconstrução de uma representação, a antecipação de um *corpo imaginado* – construído a partir do que Aulagnier chama de “dimensão histórica materna”⁵⁹ – rascunha um lugar simbólico a ser ocupado pelo bebê e lhe oferece condição de perceber-se como unidade corpórea no estágio do espelho. Neste momento do desenvolvimento do sujeito proposto por Lacan, “a criança vê no espelho sua imagem refletida como completa, [...] porque seus pais foram capazes de vê-lo previamente como unidade e retribuem esse olhar”⁶⁰. É portanto na relação com o outro “que

⁵⁶ FERNÁNDEZ, A. (2001). *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

⁵⁷ AULAGNIER, P. (1990). *Um intérprete em busca de um sentido*. São Paulo: Escuta, v.1.

⁵⁸ BORGES, T. P. (2009). Função materna, educação e ato educativo. *Revista Inter Ação*, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 453-464, dez. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/8505/5966>>. Acesso em: 02 Nov. 2015. doi:10.5216/ia.v34i2.8505.

⁵⁹ AULAGNIER, P. (1990). *Um intérprete em busca de um sentido*. São Paulo: Escuta, v.1. P. 15.

⁶⁰ IACONELLI, V. (2012). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. P. 86.

o bebê constituirá uma ‘imagem corporal’, estabelecida pela escritura dos desejos maternos.”⁶¹

Até aqui entende-se que para que o bebê possa nascer psiquicamente não é suficiente que todas suas necessidades sejam atendidas, é também fundamental que ele receba o investimento fálico marcado pelo lugar que ocupa na economia do desejo materno, desejo esse que deve ser nomeado em relação à criança e não anônimo⁶².

Considerando que a maternidade passa pelas faltas da mulher no que diz respeito à articulação entre maternidade e feminilidade, inicialmente a criança precisa ocupar esse lugar para vir a tornar-se um sujeito. Entretanto o bebê precisa ser salvo do desejo da mãe, o que só será possível a partir da possibilidade da função paterna atuar. É neste ponto que compreende-se as funções da mãe e do pai segundo o que Lacan propõe no texto *Dois notas sobre a criança*: “da mãe: na medida em que seus cuidados têm a marca de um interesse particularizado, ainda que o seja pela via de suas próprias faltas. Do pai: na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo.”⁶³

Enquanto mãe, a mulher vê diante de si um campo possível de dupla identificação: se inicialmente ela se identifica com sua própria mãe, agora se identifica com seu filho possibilitando que (re)vivencie a si própria como um bebê amado⁶⁴. A possibilidade de que a criança recolha-se nessa relação e encontre condições de deparar-se com seu próprio desejo posicionando-se como sujeito psíquico, advém da entrada de um terceiro capaz de disputar os direcionamentos da ordem do desejo da mãe.

O ato da mãe de interpretar o bebê possibilita o aparecimento de um eu desvinculado do da mãe. Após este processo, ocorre a entrada de um terceiro na

⁶¹ BORGES, T. P. (2009). Função materna, educação e ato educativo. *Revista Inter Ação*, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 453-464, dez. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/8505/5966>>. Acesso em: 02 Nov. 2015. doi:10.5216/ia.v34i2.8505.

⁶² LACAN, J. (1969). *Dois notas sobre a criança* (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986.

⁶³ *Ibidem*, p. 6.

⁶⁴ LACAN, J. (1969). *Dois notas sobre a criança* (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986.

relação, que encerra de fato a relação simbiótica entre mãe e filho instaurando um sujeito submetido à linguagem e ao desejo.⁶⁵

II. 2. A divisão do desejo materno: a mãe considerada suficientemente boa

Esses cuidados dão à criança um lugar que, embora estruturante, impõe uma condição de *assujeitamento*. Para obter qualquer satisfação, a criança depende inteiramente da forma como seu grito é significado pelo Outro materno, o que a torna completamente assujeitada à onipotência da vontade do Outro.⁶⁶

Se no princípio da vida o recém-nascido necessita de alguém que o ampare e o tenha como seu objeto de desejo interpretando-o, satisfazendo-o e inscrevendo-o na linguagem, posteriormente o eu desvinculado do da mãe deve encontrar um campo em potencial para construção de seu lugar como sujeito desejante deixando de ser tudo para o sujeito materno. O abandono da condição de *assujeitamento* ao Outro, acima descrito nos dizeres de Michele Faria⁶⁷, só se faz possível a partir da introdução do que Lacan irá chamar de metáfora paterna.

Para tanto, é exigido uma quantidade de energia psíquica do pai – ou ainda de um terceiro – na relação com o bebê, pois esta não se detém somente ao investimento libidinal, mas também à barreira a ser imposta ao desejo materno sustentando uma distância já vista como necessária entre a mãe e o bebê.

Embora até este ponto do trabalho esteja se falando da entrada do pai nesta relação incestuosa para que possa salvar a criança do desejo da mãe antes que este a devore, faz-se importante dizer que é a própria figura materna que deve apresentar condições que a priori são necessárias para que ocorra o processo de separação. A primeira é que o bebê seja para a mãe objeto de investimento libidinal, sendo portanto receptor de seu amor; depois é necessário que a própria figura materna tenha sido castrada e sofrido o recalque de sua sexualidade infantil para que possa oferecer “um discurso estruturado e marcado pelo simbólico para a criança”⁶⁸; é ainda preciso que consiga exercer o ofício materno viabilizando

⁶⁵ BORGES, T. P. (2009). Função materna, educação e ato educativo. *Revista Inter Ação*, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 453-464, dez. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/8505/5966>>. Acesso em: 02 Nov. 2015. doi:10.5216/ia.v34i2.8505.

⁶⁶ FARIA, M. R. (2003). *Constituição do sujeito e estrutura familiar*. São Paulo: Cabral. P. 147.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ BORGES, T. P. (2009). Função materna, educação e ato educativo. *Revista Inter Ação*, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 453-464, dez. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/8505/5966>>. Acesso em: 02 Nov. 2015. doi:10.5216/ia.v34i2.8505.

o processo de estruturação de um eu diferenciado que poderá aparecer como desejante “se houver a referência a um pai, na medida em que ele é o representante dos outros. É a referência a este outro que colocará o sujeito na ordem do cultural.”⁶⁹

A metáfora paterna ou Nome-do-Pai é portanto apresentada pela mãe ao passo em que permite a interdição do desejo incestuoso que coloca em risco a relação mãe e bebê. Todavia, conforme escreve Jacques-Alain Miller que parte do *Seminário 4*⁷⁰ de Lacan ao escrever *A criança entre a mulher e mãe*⁷¹, a metáfora paterna não significa apenas submeter a relação desejosa ao *cabresto da lei*, mas também remetê-la à divisão do desejo materno que retira da criança a condição de ser tudo para a figura materna.

Lacan vai dizer que no caso de não ocorrer o que ele chama de “mediação (aquela que, normalmente, a função paterna assegura), deixa a criança aberta a todas as capturas fantasmáticas.”⁷² É como se ela se tornasse substituta do objeto da fantasia materna não tendo “outra função que a de revelar a verdade desse objeto.” Enquanto substitui o objeto denominado pelo autor de *a*, a criança “satura o modo de falta em que se especifica o desejo (da mãe)”. O que se entende como a possibilidade do filho saturar o desejo materno fica mais bem compreendida com os dizeres de Miller no que diz respeito à metáfora infantil do falo. Segundo ele, esta última “[...] só é bem-sucedida ao falhar.”⁷³

Partindo do pressuposto de que, em relação à posição fálica, a criança deve preencher os requisitos para ocupar um lugar no desejo materno, não pode fazê-lo de maneira excessivamente eficaz ao ponto de bastar à mãe. “Ou seja, a mãe deve manter-se, para além

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Lacan, J. (1956-57). *O seminário – livro 4: a relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

⁷¹ MILLER, J. A. (1969). *A criança entre a mulher e a mãe*. (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986.

⁷² LACAN, J. (1969). *Duas notas sobre a criança* (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986. P. 5.

⁷³ MILLER, J. A. (1969). *A criança entre a mulher e a mãe*. (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986. P. 9.

da relação com a criança, desejante, o que, entretanto, não exclui a necessidade de um desejo endereçado à criança.”⁷⁴

A *mãe suficientemente boa*, conceito instaurado por Winnicott, de acordo com Miller, será aquela que consegue situar uma divisão no sujeito feminino entre mãe e mulher. Deste modo compreende-se que “a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia”⁷⁵, ou seja, “se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher.”⁷⁶ Assim sendo, “é preciso [...] que a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo.”⁷⁷ Quando a criança é o que preenche o desejo materno gera na mãe uma angústia crescente que a impossibilita de continuar desejando como mulher, ao passo que para a criança também pode se estabelecer uma situação de patologização.

II. 3. O lugar do desejo feminino 100 anos depois

De acordo com o que pôde ser formulado até este ponto do trabalho, pode-se dizer que cabe à mãe sustentar a função paterna na relação com o filho. Ao tê-lo como divisor do desejo materno e não como agente responsável por sua saturação, a mãe abre para si a possibilidade de situar-se frente à castração e lançar a criança para o enredo edípico possível a partir da triangulação relacional: figura materna, criança e figura paterna. Sendo assim, às voltas com a metáfora paterna, instaura-se na relação primordial as leis que interceptam o desejo incestuoso e redireciona os investimentos libidinais da ordem do singular. A lei da interdição do incesto regula a assimetria de lugares, uma lei que vem interditar que algo em si mesmo é impossível.

O que aqui se está chamando pelos homônimos *função paterna*, *metáfora paterna* e *Nome-do-Pai*, pode-se também pensar como um *terceiro* capaz de interceptar a relação até então dual mãe-bebê. Ainda que possa acontecer de a figura paterna estar representada por alguém do sexo masculino, assim como no caso da maternidade para a mulher, a função paterna não lhe é uma condição inata e nem ao menos exclusiva. O terceiro apresentado pela mãe à criança pode ser qualquer outro que divida com ela o lugar específico na economia do

⁷⁴ FARIA, M. R. (2003). *Constituição do sujeito e estrutura familiar*. São Paulo: Cabral. P. 150.

⁷⁵ MILLER, J. A. (1969). A criança entre a mulher e a mãe. (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986. P. 7.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem.

desejo feminino. Desta forma, pode ser que os interesses da mãe estejam para além da criança, seja por um homem, por outro filho ou ainda pelo trabalho.

As mães que conseguem estabelecer outros relacionamentos afastados, aponta Chodorow⁷⁸, casualmente satisfazem suas necessidades deixando de estar unicamente envolvida em impedir a criança de atravessar o estágio de assujeitamento. Os relacionamentos estabelecidos paralelamente pela mãe poderão servir como mediadores de seu relacionamento com sua cria, oferecendo a ela distintas opções para posterior identificação e objetos de fixação.

Ainda que não seja a questão central deste trabalho, para que seja possível chegar lá, se faz importante retomar a circulação do feminino frente às diferentes possibilidades de escolhas fálicas que foram sendo consentidas junto às conquistas sociais e políticas nos mais de cem anos sucedentes às primeiras formulações freudianas. Se por um lado há a mulher que exerce o ofício materno ao supor na criança o saber sobre seu desejo e deve dividi-lo com outros investimentos da mesma ordem para oferecer espaço para sua constituição, na outra margem há as que abdicam da maternidade e encontram satisfação através de outras eleições falicizadas.

Quando Julieta Jerusalinsky cita Maria Rita Kehl ao dizer que “o fato de que na atualidade haja mulheres *com liberdade de amar e trabalhar retrança os caminhos da circulação fálica em nossa cultura*”⁷⁹, abre-se um espaço possível para que nos debruçemos sob a temática que rodeia a mulher contemporânea da qual trata este trabalho.

Ao deparar-se com a possibilidade de diferentes vias de circulações pulsionais, a figura feminina passou a aderir novos manejos a fim de ver-se vivenciando suas escolhas e construindo seu lugar, estando, para tanto, edificada em seus parâmetros subjetivos e pessoais. Dentre os manejos que hoje estão disponíveis, Fernández⁸⁰ cita a pílula

⁷⁸ CHODOROW, N. (1979). Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L (Org.) *A Mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

⁷⁹ JERUSALINSKY, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. P. 160.

⁸⁰ FERNÁNDEZ, A. (2001). *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

anticoncepcional como método contraceptivo que fica sob o domínio e administração da própria mulher. Através deste e de outros meios cuja funcionalidade está ligada à prevenção de uma gestação indesejada, passou a existir a possibilidade de se programar a gravidez para um momento mais conveniente especialmente no que se refere à conciliação da maternidade com as metas profissionais, formação acadêmica e ainda independência financeira⁸¹.

A feminilidade, como sustenta Anzieu⁸², não é caracterizada única e exclusivamente pela maternidade, mas sim por um conjunto de relações ligadas ao feminino, sendo a função materna uma das ações reativas da feminilidade. Disto pode-se entender que ainda que a mulher não opte pela maternidade sua feminilidade continuará preservada, afinal, não ser mãe não implica em não ser feminina, a feminilidade encontra-se pautada em sua posição desejante com relação ao falo.

Torna-se necessário compreender que o ser feminino hoje recebe a possibilidade de sublimar suas pulsões, ou ainda, satisfazer-se da forma que lhe parecer mais prazerosa, sem que para isso esteja em jogo a sua feminilidade. “Ou seja, o fato de uma mulher realizar suas aspirações profissionais não tem por que impedir sua feminilidade. Trata-se da circulação não apenas por diferentes papéis, mas por duas posições diferentes perante o falo [...]”⁸³

Acompanhando as apostas fálicas femininas, a não adesão à maternidade surge como uma de suas consequências direta. Porém, ainda que autores como Fernández⁸⁴ apresentem este fato como um novo direito adquirido, Mansur⁸⁵ não deixa de registrar as possíveis marginalizações que esta nova estrutura social pode acarretar para as mulheres que abrem mão da escolha de ser mãe. Para a autora, os sujeitos que optam por não gerarem filhos, são estigmatizados e estão propensos aos pré-conceitos que permeiam sentimentos de exclusão e anormalidade. Em outras palavras, ainda que o ser feminino possa dissociar-se das premissas sociais, é comum encontra-los passando por julgamentos por conta de sua

⁸¹ SETTEE, M. (1991). *A condição feminina na maternidade*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

⁸² ANZIEU, A. (1992). *A mulher sem qualidade: estudo psicanalítico da feminilidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

⁸³ JERUSALINSKY, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. P. 159-160.

⁸⁴ FERNÁNDEZ, A. (2001). *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

⁸⁵ MANSUR, L. H. B. (2003). Experiência de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. In: *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 23, n. 4, Dez.

opção diferenciada, afinal não ser mãe ainda foge às regras sociais instauradas historicamente e que até o momento atual encontram-se enraizadas, além das condições orgânicas que lhe são próprias e conservam a particularidade de gerar um bebê.

Ainda que, de alguma maneira, o contexto social atual ainda espere que a mulher cumpra pontuais deveres em relação à maternagem, é possível verificar algumas delas na contramão das expectativas. Segundo Julieta Jerusalinsky, a escolha pela maternidade pode ser psiquicamente experimentada em uma via de rivalidade imaginária com outros diferentes modos de realização fálica, podendo significar uma ameaça “não só para um gozo fálico via trabalho, mas também para um gozo erótico do feminino: ‘medo de deixar de ser desejada, de deixar de vista como mulher...’”.⁸⁶

Quando realizam outras escolhas de ordem fálica além da maternidade ou ainda duas possíveis vias distintas de gozo, por exemplo, a maternidade e o trabalho, estas aparecem muitas vezes conflitantes entre si. Voltando a nos aproximar do eixo central que sustenta este trabalho, tais desencontros significam a possível dificuldade que a figura feminina apresenta perante diferentes modos de gozo, ou ainda, “[...] a divisão pela competição de dois investimentos na ordem fálica: o trabalho e o bebê.”⁸⁷

III. REFLEXÕES SOBRE A CRIANÇA DEBILIZADA PERANTE O DESEJO MATERNO A PARTIR DE UM RECORTE CLÍNICO

A criança preenche ou a criança divide, é o que discursa a teoria lacaniana a respeito do desejo materno. A complexidade que envolve a expressão desejo materno é pontuada por Lacan no *Seminário 17*⁸⁸ ao dizer que indica, ao mesmo tempo, um investimento desejante na criança e a não saturação desse desejo. Quando o preenche sem que deixe espaço para outro investimento da mesma ordem, a mãe preenche-se também de angústia. Todavia, não é somente a figura materna que padece das possíveis consequências da não repartição de suas

⁸⁶ JERUSALINSKY, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. P. 161.

⁸⁷ Ibidem, p. 160-161.

⁸⁸ LACAN, J. *Seminário 17 - o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

escolhas fálicas, estando nessa relação igualmente envolvida, a criança também pode ter um preço a pagar pelas exigências simbólicas do lugar fálico que lhe foi atribuído.

Julia, uma menina de dez anos, chegou a meu consultório com diagnóstico de atraso global do desenvolvimento dado por um neurologista somado à opinião de um psiquiatra. A mãe, Silvana, trazia como queixa a dificuldade escolar da filha em um quadro de ansiedade generalizada, dificuldades motoras e ecolalia. Não alfabetizada, frequentava escola regular que oferecia acompanhamento diferenciado e inclusivo à aluna. Durante as primeiras sessões mantinha um discurso repetitivo, não sustentava o contato visual e apresentava notável dificuldade em seguir as regras propostas. Dentre algumas atividades, nas que envolviam a imagem corporal, a paciente revelou notável dificuldade em reconhecer seu próprio corpo, questão essa que se faz central neste caso.

Casados há bastante tempo, os pais de Julia já tinham um filho – com aproximadamente oito anos no momento do nascimento da menina – e não planejavam ter mais nenhum quando Silvana tornou a engravidar. Inicialmente a notícia desestabilizou emocionalmente os pais, em especial a mãe que acabara de conseguir novo emprego e passava a se estabelecer financeiramente. Silvana se deparou com um intenso dilema que lhe impediu de se disponibilizar às transformações orgânicas e psíquicas da nova gestação.

Após o nascimento de Julia, a mãe logo retomou seus compromissos profissionais e pouco se ateu aos cuidados maternos primordiais. Foi quando percebeu sua filha *diferente* (sic) das demais crianças de mesma idade que o cenário ganhou outra forma. A menina começou a apresentar um retardo em seu desenvolvimento: os primeiros passos e as primeiras palavras levaram um tempo maior do que o esperado para começarem a aparecer.

Sentindo-se culpada pela condição em que estava dada sua filha, abandonou seus planejamentos acadêmicos e profissionais ao ocupar-se única e exclusivamente de sua cria. Como uma possível forma de reparar o irreparável, seu desejo já não tinha outra forma: estava moldado à “sua majestade, o bebê”.⁸⁹

Antes, no desejo materno e também no desejo do casal, não havia espaço para o bebê somente para o trabalho e suas ocupações pessoais. Depois o avesso: não se podia

⁸⁹ FREUD, S. (1914-1916). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

investir falicamente em mais nada que não a criança. Deste modo, cabe aqui pensar no que diz Jerusalinsky⁹⁰, outrora citada neste trabalho, sobre os possíveis embates em que se encontram as distintas vias de gozo fálico, como bem exemplifica maternidade e trabalho. A isso acrescenta-se a desconstrução gradual do casamento desse casal, Silvana aos poucos foi desinteressando-se por seu marido e encontrava nas demandas da filha a justificativa para o distanciamento. Mas de quem de fato eram as demandas?

Lacan propõe uma cuidadosa divisão à sintomatologia infantil. Tal como os apresenta, “há dois grandes tipos de sintomas: os que dizem respeito, verdadeiramente, ao par familiar e os que se atêm, antes de tudo, à relação dual da criança.”⁹¹ Mannoni vai dizer que “o discurso que se processa engloba os pais, a criança, o analista: é um discurso coletivo que se constitui em torno do sintoma apresentado pela criança.”⁹² Desta forma, pode-se pensar que o sintoma da criança pode revelar uma dinâmica familiar que precisa ser conhecida.

Nessa relação por muito tempo dual, metáfora paterna nenhuma era capaz de operar. O sujeito materno não era dois, como sugere Miller⁹³ ao falar de sua divisão em mãe e mulher. O marido foi destituindo-se de seu lugar de pai, sequer participou das sessões realizadas. Além disso, já não podia também ser marido: na cama do casal só havia espaço para dois, ou melhor, para duas. O terceiro que muito se destacou neste trabalho como essencial para a sustentação da constituição da criança como um sujeito capaz de desejar, não encontrava espaço para atuar.

Além de representar a verdade do par familiar, Lacan vai dizer que o sintoma infantil também pode dizer respeito à subjetividade da mãe. “Nesse caso, é diretamente como correlato de uma fantasia que a criança é envolvida.”⁹⁴

⁹⁰ JERUSALINSKY, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁹¹ MILLER, J. A. (1969). A criança entre a mulher e a mãe. (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986. P. 8.

⁹² MANNONI, M. (1971). *A criança, sua doença e os outros*. Rio de Janeiro, Zahar. P. 9.

⁹³ MILLER, J. A. (1969). A criança entre a mulher e a mãe. (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986.

⁹⁴ LACAN, J. (1969). Duas notas sobre a criança (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986. P. 5.

Avançando nos dados clínicos do caso, Julia atinge a puberdade e as mudanças corporais e psíquicas já não escondem sua passagem à adolescência. Aos doze anos a menina menstrua pela primeira vez e reinaugura um ciclo que colocam ela e a mãe em um estado de regressão. Durante os dias em que estava menstruada, a mãe não a deixava ir para a escola, alegando que Julia não saberia cuidar de sua higiene sozinha, muito menos de seu absorvente íntimo. Ainda que lhe tenha sugerido, junto à escola, estratégias para evitar a prolongada ausência mensal de sete dias, Silvana recusou como numa forma de deter para si os cuidados que já não mais lhe cabiam. Trocar os absorventes íntimos parecia relançar a mãe às trocas de fraldas da menina que mantém-se sustentada como bebê-falo da mãe.

Ainda que Julia pareça corresponder ao lugar fálico que a mãe lhe atribuiu quando, por exemplo, age de maneira chantagiosa para que não tenha que sair da cama de casal para dormir sozinha, o que fica para ela é a posição debilitada em que é colocada. Desta advém os sintomas que atravessavam a mãe entendidos por ela como ataques, como dificuldades em exercer cuidados sob seu próprio corpo – daí a dificuldade em reconhecer e trabalhar sua imagem corporal, como citado no princípio deste capítulo –, fazer xixi na roupa e/ou cama como se não pudesse controla-lo. Para Rosenberg, “as crianças costumam fazer sintoma naqueles lugares que se tornam insuportáveis para seus pais. Frequentemente os sintomas estão a eles dirigidos porque é uma maneira de se fazer ouvir.”⁹⁵

[...] a maneira pela qual uma criança é marcada, não somente pela maneira como é esperada antes do seu nascimento, como também pelo que vai ela em seguida representar para um e outro dos pais em função da história de cada um. Sua existência real vai chocar-se assim com as projeções paternas inconsistentes donde vem os equívocos. Se a criança tem a impressão de que todo acesso a uma palavra verdadeira lhe é vedado, pode em certos casos procurar na doença uma possibilidade de expressão.⁹⁶

Por mais que Julia apresentasse condições de cuidar de sua própria vontade de fazer xixi, por exemplo, o fato de fazê-lo em sua própria roupa ou ainda na cama onde dormia com sua mãe faziam disso uma possível forma de expressar o que não poderia dizer de outra forma. Os apelos intermináveis da mãe não continham seu xixi, aliás esta era uma das poucas coisas que a menina podia controlar. O brincar com outras crianças e o conversar com outras

⁹⁵ ROSENBERG, A. M. S. DE. (org.). (2002). *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. 2ª edição, Escuta. P. 48.

⁹⁶ MANNONI, M. (1971). *A criança, sua doença e os outros*. Rio de Janeiro, Zahar. P. 65.

peças não podia acontecer de forma espontânea, lá estava Silvana vigiando os passos de Julia tentando dar conta do que a filha podia ou não falar, de que forma podia ou não brincar.

Sutilmente a menina foi apontando para a necessidade de descolamento da figura materna. Os meninos começaram a lhe parecer mais interessantes, usar batom e arrumar o próprio cabelo também. As tentativas de ser (re)introduzida pela mãe pareciam estar sendo barradas pela própria criança, como quando, durante uma atividade com fotos que narravam sua própria história, Julia rasgou a foto em que sua mãe aparecia grávida e elegeu a foto em que aparecia com seu pai como capa do álbum que montara.

A própria criança passou a invocar o Nome-do-Pai como única possível forma de salvação, evocando na mãe a possibilidade de se pensar novamente em marido, trabalho, estudos, sem para isso deixar de investir sua libido também na filha. A destituição do espaço simbólico onde a criança estava sendo tomada como o falo da mãe foi sendo possível, saindo desse lugar “[...] mortífero (de ser para sempre o desejo do desejo da mãe), para se constituir como um sujeito desejante.”⁹⁷

⁹⁷ ROSENBERG, A. M. S. DE. (org.). (2002). *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. 2ª edição, Escuta. P. 63.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passeando pelos peculiares caminhos que nos levam à escolha da feminilidade como via de satisfação pulsional do sujeito, deparamo-nos com questões norteadoras capazes de nos guiar a uma parcial compreensão dos impasses compreendidos em suas questões. Para tornar-se feminina, a mulher precisa introjetar, elaborar e transcender cada etapa capaz de marcar sua constituição.

Inicialmente a criança irá se identificar com as figuras parentais, primeira e principal relação que lhe é apresentada depois de vir ao mundo. No sujeito materno precisará encontrar aquilo que nela ainda se faz ausente: um sujeito capaz de oferecer os cuidados universais que cabem à maternagem. Ao exercer a função materna, ou seja, quando investe libidinalmente na criança tomando-a como objeto de seu desejo, abre-se para o bebê a possibilidade de encontrar satisfação a partir de seu fantasiar junto aquele que virá a se tornar seu primeiro objeto de amor.

O enredo edípico encontrará seus pilares nesta relação primordial. A criança encontrará em sua mãe tudo o que precisa, relação suficientemente boa que para ela poderia se perpetuar se não fosse uma operação simbólica: a castração. Enquanto para o menino é o temor à castração que soterra para ele o Complexo de Édipo, na menina é quem a insere na problemática. Ao perceber a si e as suas semelhantes como castradas, a menina inicialmente supõe na mãe a presença daquilo que nela ainda não cresceu: o pênis fálico. Chega, entretanto, o momento em que irá se frustrar com a falta também na mãe, relação que remeterá à sua própria falta. É neste momento que a menina transferirá seu investimento libidinal primeiro para o seu pai, elegendo deste modo uma nova relação objetual.

Desejando alcançar o falo de seu pai, a menina passa a identificar-se com o que introjetou da figura materna como estratégia para conquistá-lo, passando a ver aquela que um dia lhe satisfez por um inteiro como sua rival. Além de experimentar a troca de objetos com quem estabelece relações libidinais, a menina também precisará passar uma outra transição: o estabelecimento de uma nova zona erógena. Junto a isso, ao que se entende como um dos destinos possíveis para a sexualidade feminina dentro da teoria falocêntrica, a menina

passará a querer do pai um bebê como presente, o qual fantasiosamente substituirá para ela o falo perdido. É elaborando a equação simbólica freudiana que a maternidade aparece como uma das vias possíveis de gozo fálico, mas não uma resolução quanto à sua condição feminina.

É a relação estabelecida com o falo e sua posição em relação a ele que permeará a relação mãe-bebê. Considerando que o desejo materno aparece como consequente da elaboração da equação simbólica *pênis-falo-bebê*, o bebê relançará para a mãe os efeitos da castração, fazendo da relação com o bebê uma atualização de sua posição em relação à falta.

Em um primeiro momento é primordial que o bebê encontre lugar no desejo materno, é ele quem lhe oferecerá desde o princípio condições simbólicas para sua constituição psíquica e irá inseri-lo na linguagem como sujeito desejante. Todavia, a função paterna pede passagem ao ofício materno ao se perceber os possíveis riscos da saturação do desejo incestuoso.

Quando encontra-se impossibilitada de realizar outros investimentos de mesma ordem fálica, o sujeito materno fica detido às possibilidades única e exclusivamente maternas, deixando de poder desejar também como mulher. O bebê estando em condição de todo, pode também encontrar prazer em preencher o desejo materno e topiar o lugar fálico que outrora lhe foi atribuído, fazendo aí um conluio com as questões fantasmáticas maternas. Há de existir aqui a renúncia dos pais à sedução da criança, passando a encontrar os lugares e cabem a cada um nesta relação.

Como neste estudo pôde ser percebido, por mais satisfação que a troca dual da relação materna com seu filho possa oferecer, o sintoma pode aparecer na criança como forma possível de se revelar sua verdade impossibilitadora. Quando não resgatada da onipotência do desejo materno, restringe-se também à criança a possibilidade de se criar um espaço efetivo como sujeito desejante, que pode desejar para além desta relação. Podendo o desejo materno dividir-se para além do exercício materno, coloca-se a criança frente à castração, que, para além de organizar sua sexualidade, insere-a na lei e na cultura, regularizando a assimetria de lugares e interditando algo em si mesmo que é impossível: o incesto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, P. (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Trad. Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____, P. (1986). Nascimento de um corpo, origem de uma história, In: VIOLANTE, M. L. V. (Org). *Desejo e identificação*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____, P. (1990). *Um intérprete em busca de um sentido*. São Paulo: Escuta, v.1.

ANDRÉ, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Zahar.

ANZIEU, A. (1992). *A mulher sem qualidade: estudo psicanalítico da feminilidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

BADINTER, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BARCELOS, D. G. (2013). *Desejo Materno, sexualidade feminina e maternidade: há negociação possível?* Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Presbiteriana Mackenzie para obtenção do grau de psicóloga, São Paulo, dezembro. (Trabalho não publicado).

BARROS, I. P. M. DE. (2010). *Movimentos do desejo materno antes e após o nascimento do filho: um estudo longitudinal*. São Paulo. 405 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

_____, I. P. M. DE. (2001). *Rumo à identificação sexual: a menina e a mãe*. São Paulo. 17 f. Tese (Mestrado – Sexualidade Feminina, Trabalho de conclusão de curso referente ao departamento de Psicologia Escolar) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

BORGES, T. P. (2009). Função materna, educação e ato educativo. *Revista Inter Ação*, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 453-464, dez. ISSN 1981-8416. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/8505/5966>>. Acesso em: 02 Nov. 2015. doi:10.5216/ia.v34i2.8505.

CHODOROW, N. (1979). Estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L (Org.) *A Mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____, N. (1990). *Psicanálise da Maternidade: uma Crítica a Freud a Partir da Mulher*. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos.

FALSETTI, L. A. V. (1990). *A criança, sua doença e a mãe: um estudo sobre a função materna na constituição de sujeitos precocemente atingidos por doença ou deficiência*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

FARIA, M. R. (2003). *Constituição do sujeito e estrutura familiar*. São Paulo: Cabral.

FERNÁNDEZ, A. (2001). *A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREUD, S. (1901-1905). *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. (1908). *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. (1914-1916). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

_____, S. (1915). *As pulsões e suas vicissitudes*, v. XIV, ESB. RJ: Imago, Ed.1990.

_____, S. (1923-1925). *O ego e o id e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. (1923-1925). A dissolução do complexo de Édipo. In: *O ego e o id e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. (1927-1931). Sexualidade Feminina. In: *O futuro de uma ilusão, o Mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, S. (1932-1936). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. (1914-1917). *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão e recalque, inconsciente*. Introdução à metapsicologia freudiana. 5. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, v.3.

IACONELLI, V. (2012). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

JERUSALINSKY, A. N. (1984) *Psicanálise do autismo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

JERUSALINSKY, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____, J. (2008). Angústia na pós-modernidade. In: *Da infância à adolescência: os tempos do sujeito*. Revista da associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 35, pp.9-20.

KEHL, M.R. (1998). *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.

KERLINGER, F. N. (1980). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: EPU.

KLEIN, M. RIVIÈRE, J. (1937). *Amor, Ódio e Reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LACAN, J. (1969). Duas notas sobre a criança (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986.

_____, J. (1969-1970). *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Versão brasileira de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano, in: *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar , 2003.

MALDONADO, M. T. (2000). *Psicologia da gravidez*. São Paulo: Saraiva.

MANNONI, M. (1995). *A criança retardada e a mãe*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____, M. (1971). *A criança, sua doença e os outros*. Rio de Janeiro, Zahar.

MANSUR, L. H. B. (2003). Experiência de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. In: *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 23, n. 4, Dez.

MARCONI, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.

MEIRA, A. DA C. (2010). *Dos impasses da maternidade a uma verdade indizível: uma leitura psicanalítica sobre a feminilidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MILLER, J. A. (1969). A criança entre a mulher e a mãe. (S. Sobreira, trad.). *Revista do Campo Freudiano*, nº 37, 1986.

MINAYO, M. C. De S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (8a ed.). São Paulo: Hucitec.

POMMIER, G. (1997). *A exceção feminina: Os impasses do gozo*. Rio de Janeiro, Zahar.

_____, G. (1998). *Identidade feminina*. Salvador: Fator.

REY, S.; SILVA, H. C. DA. (2011). A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v.31, n.3. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300009&lng=en&nrm=iso>. Acessado 15 de junho de 2015.

RIBEIRO, M. (2011). *De mãe em filha: a transmissão da feminilidade*. São Paulo: Escuta.

ROSENBERG, A. M. S. DE. (org.). (2002). *O lugar dos pais na psicanálise de crianças*. 2ª edição, Escuta.

SAMPIERI, R.H., Collado, C.F., & Lucio, P.B. (2006). *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill.

SETTEE, M. (1991). *A condição feminina na maternidade*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.